



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

"O Pai nosso de cada dia": Envolvimento Paterno,
Comportamentos Parentais de desafio e Regulação Emocional,
em crianças de idade pré-escolar

Fabiane Mendes de Almeida

Mestrado em Ciências em Emoções

Orientadora:

Doutora Lígia Maria Santos Monteiro, Professora Auxiliar,
ISCTE-IUL - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2024



CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS

Departamento de Psicologia

"O Pai nosso de cada dia": Envolvimento Paterno,
Comportamentos Parentais de desafio e Regulação Emocional,
em crianças de idade pré-escolar

Fabiane Mendes de Almeida

Mestrado em Ciências em Emoções,

Orientadora:
Doutora Lígia Maria Santos Monteiro, Professora Auxiliar,
ISCTE-IUL - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2024

"O Pai nosso de cada dia": Envolvimento Paterno, Comportamentos Parentais de desafio e Regulação Emocional, em crianças de idade pré-escolar

Fabiane Mendes de Almeida

“Podem tirar tudo de você, filha

Menos o seu estudo!

Minha Avó, Jovenita Cruz

Agradecimentos

Agradeço sinceramente a todas as pessoas que foram fundamentais ao longo desta jornada de estudo e desenvolvimento pessoal.

A meu marido, pela inabalável dedicação e apoio incondicional que sempre me ofereceu, desde o incentivo para vir a Portugal até as conversas que continuamente me encorajaram nesta jornada desafiadora para vencer as adversidades da xenofobia e discriminação presentes aqui.

À minha querida avó, que antes de partir deste plano, me ensinou o valor inestimável do estudo, mesmo com apenas o primário como sua própria formação.

À minha mãe, minha inspiração de vida, que com coragem e determinação me criou sem o apoio pleno de um pai, mostrando-me diariamente a importância crucial do seu papel no nosso desenvolvimento emocional e pessoal.

À minha professora, que não apenas me apoiou academicamente, mas também compreendeu a profundidade da depressão que enfrentei durante este período, oferecendo um apoio que foi além das palavras.

Aos meus amigos de mestrado, Vera e Dennis, com quem compartilhei inúmeras conversas e trabalhos em conjunto, formando um grupo coeso que se manteve unido do primeiro ao último projeto, fazendo toda a diferença na conclusão dos meus estudos, vocês são incríveis. Não posso deixar de mencionar Ozzy e Lívia, cuja parceria foi essencial em cada aula e desafio que enfrentamos juntos.

A meu irmão, que assumiu um papel paterno em minha vida, demonstrando um amor e apoio que moldaram significativamente minha visão sobre a paternidade.

Aos meus pais, ao primeiro por suas ausências que me ensinaram sobre as complexidades das relações na infância e à figura paterna que me mostrou o verdadeiro significado do amor paternal, redefinindo minha compreensão sobre o que é ser pai.

Por fim, um agradecimento especial a todas as mães que, como a minha, enfrentaram o desafio de criar seus filhos sozinhas, em um mundo onde o papel integral da paternidade ainda não é uma realidade para muitos homens.

Resumo

As definições tradicionais e patriarcais de paternidade, que muitas vezes limitam o papel dos pais a provedores financeiros e figuras de autoridade distantes, estão sendo desafiadas. Há uma crescente necessidade de redefinir esses papéis de maneira a promover uma participação mais ativa e igualitária dos pais na vida cotidiana de seus filhos. Essa mudança não só beneficia o desenvolvimento emocional das crianças, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais equitativa, onde os papéis de cuidado e educação são compartilhados de forma justa entre homens e mulheres. Participaram no estudo 74 famílias nucleares portuguesas que visou analisar o envolvimento do pai, em relação à mãe, considerando diferentes tipos de atividades, que envolvem interação direta com a criança, como os cuidados diretos, a brincadeira e o ensino/disciplina. Procurou-se, ainda, explorar se um maior envolvimento do pai, em atividades de cuidado e brincadeira, se encontrava associado à regulação emocional das crianças, e qual foi o papel dos comportamentos parentais de desafio nesta relação. Os resultados indicam que os pais tendem a se envolver menos nas tarefas de cuidados diretos e ensino/disciplina, mas participam significativamente mais nas atividades de brincadeira. Relativamente às associações entre Envolvimento parental, comportamentos parentais de desafio, e regulação emocional da criança, apenas se encontrou uma associação negativa e significativa entre o envolvimento do pai nas atividades de ensino/disciplina e regulação emocional.

Palavras-chaves: Envolvimento paterno, Regulação emocional, Comportamentos parentais de desafio.

2800 Developmental Psychology

2956 Childrearing & Child Care

Nota: A presente dissertação está escrita em português do Brasil.

Abstract

Traditional and patriarchal definitions of fatherhood, which often limit the role of fathers to financial providers and distant authority figures, are being challenged. There is a growing need to redefine these roles in ways that promote more active and equitable participation of fathers in their children's daily lives. This shift not only benefits the emotional development of children but also contributes to the construction of a more equitable society, where caregiving and educational roles are fairly shared between men and women.

The study involved 74 Portuguese nuclear families, aiming to analyze father's involvement, in relation to the mother, considering different types of activities that involve direct interaction with the child, such as caregiving, play, and teaching/discipline. It also sought to explore whether greater father involvement in caregiving and play activities was associated with children's emotional regulation, and what role challenging parenting behaviors played in this relationship. The results indicated that fathers tend to be less involved in caregiving and teaching/discipline tasks but participate significantly more in play activities. Regarding the associations between paternal involvement, challenging parenting behaviors, and children's emotional regulation, only a negative and significant association was found between the father's involvement in teaching/discipline activities and emotional regulation.

Keywords: Father involvement, Emotional regulation, Challenging parenting behaviors.

Classification Categories and Codes:

2800 Developmental Psychology

2956 Childrearing & Child Care

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Abstract	v
Introdução	1
CAPÍTULO 1 Enquadramento teórico.....	3
1.1. <i>Envolvimento paterno – o ato de envolver-se</i>	3
1.2. <i>Comportamentos parentais – Os comportamentos de desafio</i>	5
1.3. <i>Regulação emocional – uma infância para desenvolver</i>	7
1.3.1. Os anos pré-escolares e os fatores influentes da regulação emocional	8
Objetivo do estudo:	12
CAPÍTULO 2 Método.....	13
2.1. <i>Participantes</i>	13
2.2. <i>Instrumentos</i>	13
2.2.1. Ficha de dados demográficos.....	13
2.2.2. Escala de Envolvimento Parental	13
2.2.3. Escala de Comportamento Parental de Desafio.....	14
2.2.4. Questionário de Regulação Emocional.....	14
2.3. <i>Procedimento</i>	15
2.4. <i>Plano de Análises</i>	15
CAPÍTULO 3 Resultados.....	17
CAPÍTULO 4 Discussão.....	21
4. 1. <i>Estudos Futuros</i>	23
Referências Bibliográficas.....	25

Introdução

As mudanças econômicas, sociais e tecnológicas ocorridas ao longo dos últimos anos impactaram a organização social a diversos níveis conduzindo à necessidade de repensar a definição de famílias, assim como, os papéis de marido e mulher, pai e mãe, e o seu impacto no desenvolvimento da criança (e.g., Cabrera et al., 2000). Neste processo, as mulheres emergiram como principais agentes de mudança social, assumindo papéis e identidades divididos entre o lar, os filhos e o direito de participar na esfera pública, reduzindo o tempo dedicado exclusivamente à família. Isso levou à redefinição das relações de gênero e a uma busca por maior igualdade (e.g., Wall & Aboim, 2003), nomeadamente, a uma reconsideração do homem como parceiro igualitário na parentalidade, promovendo a igualdade de gênero e a partilha de responsabilidades, passando assim de um modelo tradicional do "homem provedor" para um modelo de casal de duplo emprego (Aboim, 2010). Todavia, as expectativas tradicionais de papéis masculinos continuam a perpetuar na consciência coletiva, causando nos homens uma sensação de insegurança e desconforto ao assumir responsabilidades domésticas e parentais, frequentemente vistos como ameaças à masculinidade (Wall, Aboim, & Cunha, 2010).

O envolvimento paterno é um tema cada vez mais presente nas discussões sobre o desenvolvimento infantil e parentalidade. Nas últimas décadas, pesquisas têm mostrado que a presença ativa e efetiva do pai na vida da criança pode ter um impacto significativo em seu bem-estar e no seu desenvolvimento cognitivo, emocional, social e comportamental (e.g., Cabrera et al. 2007; Cabrera et al. 2018; Lamb & Lewis 2010), não só nos primeiros anos de vida, como ao longo do seu desenvolvimento. Além disso, a presença do pai na vida da criança pode ser benéfica para a mãe e para o funcionamento do sistema familiar (Marsiglio, 2009).

Apesar do crescente interesse sobre o papel do pai e do seu envolvimento, existem lacunas na compreensão desse fenômeno, já que muitos estudos apenas realizaram uma transposição do cenário da maternidade e de suas expectativas para a paternidade (Schoppe-Sullivan et al., 2004) e, portanto, não vislumbram, em especial, os fatores intrínsecos do gênero masculino que tendem a promover ou inibir questões de desenvolvimento dos seus filhos (Wall, 2010). Assim, há que considerar: dimensões específicas do envolvimento do pai e os possíveis caminhos pelos quais os pais têm impacto no desenvolvimento dos seus filhos (Cabrera et al., 2000; Monteiro et al., 2012). Compreender esses fatores, pode ser útil para a criação de políticas e intervenções, que incentivem a participação paterna e promovam um desenvolvimento saudável da criança. Numa abordagem

mais recente diversos autores têm-se focado nos comportamentos que muitos consideram como distintivos do pai, nomeadamente, o comportamento parental desafiador (Majdandžić et al., 2013; Majdandžić, de Vente, & Bögels, 2015; Majdandžić et al., 2017; Lazarus et al., 2016).

O presente estudo visa analisar o envolvimento do pai, em relação à mãe, considerando diferentes tipos de atividades, que implicam interação direta com a criança, como os cuidados diretos, o ensino/disciplina, e a brincadeira. Procura-se explorar se um maior envolvimento do pai, nas diferentes atividades, se encontra associado a uma melhor regulação emocional das crianças, e qual o papel dos comportamentos parentais de desafio nesta relação.

Enquadramento teórico

1.1. Envolvimento paterno – o ato de envolver-se

O envolvimento paterno é um tema cada vez mais presente nas discussões sobre o desenvolvimento infantil e parentalidade. Nas últimas décadas, pesquisas têm mostrado que a presença ativa e efetiva do pai na vida da criança pode ter um impacto significativo em seu bem-estar e no seu desenvolvimento cognitivo, emocional, social e comportamental (e.g., Cabrera et al., 2007; Lamb & Lewis 2010), não só nos primeiros anos de vida, como ao longo do seu desenvolvimento.

Segundo o modelo de Lamb e colaboradores (1987), o envolvimento paterno é tridimensional: (1) o engajamento, que se refere ao contato direto e às interações compartilhadas com a criança; (2) disponibilidade, a presença ou acessibilidade que o pai tem em relação à criança; e (3) responsabilidade, que abrange os esforços do pai em garantir que os recursos necessários estejam à disposição da criança, o que inclui a organização e o planejamento dos aspetos da vida da criança. A responsabilidade paterna é definida não apenas pela quantidade de tempo gasto com as crianças, mas também pelo papel ativo do pai em assegurar o cuidado e a disponibilidade de recursos para o filho, organizar cuidados e garantir a provisão de necessidades básicas, o que é considerado um cuidado indireto (Pleck, 2010a; Pleck, 2010b).

Ampliando o modelo de Lamb e colaboradores (1987), Palkovitz (2020) conceituou o envolvimento paterno em três domínios interligados — cognitivo, afetivo e comportamental — e incluiu "contínuos" como tempo investido, grau de envolvimento, observabilidade, saliência, franqueza e proximidade. O autor propõe que o envolvimento pode ocorrer de múltiplas formas, que vão desde a comunicação, ensino, monitoramento, demonstração de afeto, proteção, suporte emocional, à execução de tarefas cotidianas, cuidados, manutenção relacionada à criança, compartilhamento de interesses, disponibilidade, planejamento e compartilhamento de atividades.

O modelo expandido de Cabrera e colaboradores (2014) apresenta uma visão contextualizada da paternidade, destacando processos dinâmicos e interações recíprocas que evoluem com o tempo. Este modelo heurístico, descrito como um conjunto de suposições e generalizações que

guiam nosso entendimento e ações (Senge, 1992, citado por Cabrera et al., 2014), que difere da primeira versão do modelo (2007) ao focar um conjunto selecionado de fatores contextuais e de personalidade relevantes para a pesquisa atual e futura (Cabrera et al., 2014). Diferente do modelo anterior, que utilizava caminhos principalmente unidirecionais, o modelo atual enfatiza interações bidirecionais e ciclos de feedback dentro do sistema familiar, que são sensíveis às mudanças na dinâmica familiar e no desenvolvimento cognitivo das crianças. As pesquisas indicam que o envolvimento paterno pode moderar impactos negativos, como os da depressão pós-parto materna, no desenvolvimento das crianças (Cabrera et al., 2014). O modelo integra conceitos transacionais (Sameroff, 1995, citado por Cabrera et al., 2014), sistêmicos (Bronfenbrenner, 1995, citado por Cabrera et al., 2014) e dialéticos (Riegel, 1979, citado por Cabrera et al., 2014) para orientar pesquisas sobre a paternidade. Está em linha com as teorias eco-culturais, que examinam a criança dentro de múltiplos sistemas interconectados (Cabrera et al., 2014).

A avaliação do envolvimento paterno, ainda, enfrenta desafios, com dúvidas sobre a aplicabilidade de medidas existentes para pais (Cabrera et al., 2014; Roggman et al., 2002) já que foram encontrados comportamentos paternos semelhantes e distintos dos maternos, o que chama atenção para a necessidade de medidas mais específicas e adaptadas. O modelo incentiva o desenvolvimento de avaliações mais precisas do envolvimento paterno e investigações sobre as relações dinâmicas entre paternidade e desenvolvimento infantil em contextos variados, considerando as mudanças ao longo do curso da vida e os contextos emergentes (Cabrera et al., 2014).

O envolvimento paterno, conforme observado por Roopnarine e Yildirim (2019), abrange um amplo espectro, desde desempenhar papéis tradicionais, como o de provedor financeiro, até uma participação ativa nas dimensões socio-afetivas e cognitivas na vida diária dos filhos. Há casos em que os pais estão fisicamente presentes, mas não são emocionalmente acessíveis para os filhos, enquanto outros pais, que não residem com os filhos, encontram maneiras inovadoras de fornecer suporte material e manter um relacionamento ativo com eles.

Em estudos conduzidos no contexto português com famílias nucleares (homem e mulher), como os de Monteiro e colaboradores (2017) e Torres e colaboradores (2014), verificou-se que os pais tendem a ser menos envolvidos em atividades de cuidado, como dar banho ou vestir as crianças, ou em tarefas de gestão, como marcar consultas médicas. No entanto, no contexto mais lúdico de brincadeiras, como jogar jogos de tabuleiro, ou em atividades físicas, ou de lazer, como ir ao parque, e em ensino ou disciplina, como ensinar habilidades ou estabelecer regras, a participação paterna tende a ser partilhada (Monteiro et al., 2019).

Dentro do escopo dos estudos sobre o envolvimento paterno na vida de crianças em idade pré-escolar, 'envolvimento' abrange a presença física e emocional do pai. Essa presença é caracterizada pela participação em cuidados diários, brincadeiras, atividades educacionais e de lazer, além do fornecimento de apoio emocional e da formação de um vínculo afetivo seguro entre pai e filho. É importante destacar que os resultados no desenvolvimento infantil estão mais correlacionados com a qualidade dessas interações do que com a sua quantidade, associada a impactos positivos na autoestima e no desenvolvimento cognitivo e social da criança (Fagan et al., 2014).

1.2. Comportamentos parentais – Os comportamentos de desafio

A qualidade do envolvimento paterno é crucial, uma vez que a interação positiva dos pais com as crianças tem um impacto significativo no desenvolvimento infantil e no bem-estar a longo prazo. Vários estudos evidenciam ligações positivas entre o envolvimento paterno e diferentes dimensões do desenvolvimento das crianças (Pleck, 2010b), abrangendo interações diretas, gestão de tarefas relacionadas à criança e monitorização de suas atividades e interações sociais (Cabrera et al., 2007). A evolução do conceito reflete a passagem da simples presença ou ausência para a valorização da qualidade do envolvimento sobre a quantidade (Diniz et al., 2021).

O comportamento parental desafiador (CPD) assenta na capacidade de os pais estimularem a exploração, o risco e a saída da zona de conforto de maneira lúdica, promovendo a confiança e minimizando o desenvolvimento da ansiedade nas crianças (Majdandžić et al., 2015). Este conceito abrange uma série de práticas educativas que incentivam a criança a engajar-se em comportamentos de risco controlados e a explorar novas situações, tanto no âmbito físico quanto socioemocional. Encorajamento verbal, brincadeiras fisicamente estimulantes e interações que desafiam a criança a explorar ambientes e atividades desconhecidas são elementos-chave desta abordagem (Majdandžić et al., 2015).

Majdandžić e colaboradores (2013) e Bögels e Phares (2008) realçam que o comportamento desafiador dos pais não apenas cultiva qualidades como independência e curiosidade, mas também serve como um escudo contra a ansiedade, sugerindo que a falta de desafios parentais pode ser mais prejudicial para o desenvolvimento da ansiedade infantil do que o controle excessivo (Majdandžić et al., 2013; Majdandžić et al., 2015). Além de promover o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e cognitivas, o comportamento desafiador dos pais fortalece o vínculo entre pais e filhos, criando um ambiente seguro que incentiva a

criança a explorar e aprender. Essa abordagem deve ser equilibrada e ajustada às necessidades e capacidades individuais da criança, assegurando que seja construtiva e beneficie seu desenvolvimento (Majdandžić et al., 2015). Exemplos práticos de comportamentos parental de desafiado incluem atividades lúdicas como brincadeiras que envolvem lutas simuladas, fazer cócegas, perseguir a criança de maneira divertida, além de desafiar suas habilidades em jogos que promovem competição amigável e superação de desafios. Tais atividades não estão limitadas ao aspecto físico, mas se estendem ao socioemocional, encorajando a criança a se apresentar diante de um público ou a ser assertiva em suas interações (Majdandžić, Möller et al., 2013; Majdandžić et al., 2015).

As brincadeiras de lutas físicas conhecidas em inglês como "*Rough and Tumble Play*" (RTP) constituem um aspecto fundamental do comportamento parental desafiador. Essa forma de brincadeira, caracterizada por atividades vigorosas como luta, agarramento, chutes ou cambalhotas, é observada não apenas em humanos, mas também em várias espécies de mamíferos (Flanders et al., 2009). Apesar da aparência agressiva, estas brincadeiras ocorrem em um contexto lúdico e cooperativo, com regras implícitas que diferenciam claramente a brincadeira da agressão real (Fletcher et al., 2013).

Blomqvist e colaboradores (2005) e Pellis e Pellis (2007) destacam que o RTP é comum em muitas espécies de mamíferos e desempenha um papel crucial no desenvolvimento social e físico destes animais. Essas interações não apenas fortalecem habilidades físicas, mas também ensinam limites sociais e a regulação de emoções (Fletcher et al., 2013). A pesquisa sobre o comportamento lúdico em ratos fornece insights valiosos sobre a natureza não agressiva do RTP. Ratos, ao brincarem de luta, visam áreas específicas como a nuca, evitando áreas mais vulneráveis, o que indica uma clara falta de intenção agressiva. Além disso, a alternância voluntária de papéis, onde o dominado pode se tornar o dominante, exemplifica a natureza cooperativa e regulada dessa forma de brincadeira (Fletcher et al., 2013).

As interações físicas desafiadoras e excitantes proporcionadas pelo RTP oferecem uma plataforma valiosa para as crianças praticarem a interpretação das emoções dos outros, controlarem seus próprios impulsos, como resistir ao impulso de morder, e aprenderem a lidar com o fracasso ou frustração. Além disso, Peterson e Flanders (2005) sugerem que essas brincadeiras são oportunidades para o desenvolvimento de habilidades sociais genéricas, como a capacidade de decodificar a valência emocional dos outros e expressar emoções de maneira apropriada (Flanders et al., 2009).

Embora a pesquisa empírica ainda esteja evoluindo, a conexão conceitual entre as brincadeiras fisicamente desafiadoras entre pais e filhos e a autorregulação se alinha com o

paradigma de apego amplamente aceito no desenvolvimento humano, que posiciona a interação pai-filho no centro do crescimento cognitivo e da competência social. Esta visão é reforçada por estudos recentes que buscam expandir a compreensão do apego para incluir não apenas segurança e nutrição, mas também desafio e exploração, reconhecendo que as interações pai-filho podem diferir significativamente das interações mãe-filho típicas (Fletcher et al., 2013). Além disso, há a necessidade de supervisão cuidadosa durante o RTP para garantir que as atividades permaneçam seguras e construtivas. A intervenção adulta adequada ajuda a criar um ambiente seguro em que as crianças podem crescer e aprender por meio do jogo, respeitando os limites dos outros e alternando papéis de maneira cooperativa (Fletcher et al., 2013).

Os resultados globais sugerem uma relação positiva entre as brincadeiras físicas dos pais, incluindo o RTP, e diversos aspectos cruciais do comportamento infantil. Essas interações são particularmente eficazes em reforçar a competência social das crianças e, embora de forma menos intensa, também apoiam o desenvolvimento de competências emocionais e de autorregulação. Mesmo que a conexão com comportamentos agressivos seja minimamente estabelecida, os benefícios intrínsecos das brincadeiras físicas são incontestáveis, destacando sua relevância para o crescimento psicossocial saudável da criança (StGeorge & Freeman, 2017).

1.3. Regulação emocional – uma infância para desenvolver

As emoções são fundamentais para a experiência humana, influenciando como percebemos e interagimos com o mundo ao nosso redor. A regulação emocional, que envolve compreender, gerenciar e responder de forma adaptativa às nossas emoções, é essencial para a saúde mental e o sucesso nas relações interpessoais, além de ser uma componente-chave na formulação de estratégias práticas para melhorar essa capacidade (Fletcher et al., 2013; Gross, 2013).

A regulação emocional é vital no dia a dia, ajudando-nos a processar as emoções de maneira eficiente e saudável. A capacidade de regular emoções está associada a uma maior competência social, comportamento pró-social, sucesso acadêmico e a redução de problemas de internalização e externalização (Denham, 2006; Gross, 2013). Essa habilidade é crucial para o desenvolvimento infantil, especialmente à medida que as crianças começam a escola e suas interações sociais se tornam mais frequentes e complexas (Gross, 2013; Riediger & Klipker, 2014).

A regulação emocional, também, está associada a uma maior aceitação por pares, status social elevado e uma reduzida probabilidade de ser alvo de vitimização crônica ou bullying. Dificuldades na regulação emocional pode resultar em problemas de saúde mental, incluindo

ansiedade, depressão, transtornos de conduta e transtornos alimentares, particularmente entre o sexo feminino (Riediger & Klipker, 2014).

Gross (2013) definiu a regulação emocional como o processo pelo qual as pessoas influenciam quais emoções elas têm, quando as têm e como as expressam. Este processo pode ser automático ou controlado, consciente ou inconsciente, e pode operar em diferentes níveis de consciência. As estratégias de regulação emocional incluem modificar a situação, alterar a atenção, mudar a cognição, ajustar a resposta fisiológica, ou mudar a expressão facial ou vocal. A habilidade de regular as emoções é, assim, essencial, pois permite às pessoas gerenciar suas emoções de maneira eficaz, contribuindo para melhores resultados sociais, acadêmicos e de saúde mental (Gross, 2013).

Segundo Denham (2006) e Cohen e Mendez (2009), a regulação emocional nas crianças se desenvolve progressivamente à medida que elas crescem. Desde o nascimento, os pais desempenham um papel fundamental em modular as emoções dos bebês e das crianças pequenas, seja acalmando seu sofrimento, incentivando emoções positivas ou mitigando o medo. Com o amadurecimento das regiões pré-frontais do cérebro, as crianças gradualmente ganham a capacidade de controlar seus sentimentos, impulsos e comportamentos de forma mais deliberada.

O desenvolvimento de habilidades para compreender e aplicar conhecimento, estratégias criativas e atenção para gerenciar respostas emocionais avança junto com a maturação desses processos de controle neurobiológico (Cole et al., 1994; Cohen & Mendez, 2009; Denham, 2006; Riediger & Klipker, 2014). À medida que as crianças crescem e adquirem suas próprias estratégias de autorregulação, a necessidade de intervenção direta dos pais para gerenciar as emoções das mesmas diminui (Thompson, 2014).

1.3.1. Os anos pré-escolares e os fatores influentes da regulação emocional

A regulação emocional é crucial na primeira infância, um período em que as crianças estão aprendendo a manejar suas emoções e a expressá-las de forma adequada. Esta habilidade é intimamente ligada à competência social e ao bem-estar emocional das crianças. No entanto, a pesquisa sobre regulação emocional tem se focado mais em bebês e crianças pequenas, com menos estudos direcionados ao período da meia-infância (McDowell et al., 2002).

Durante os anos pré-escolares, crianças frequentemente se deparam com situações que requerem ajustes emocionais significativos. Estes anos são cruciais para a prática da regulação emocional, particularmente no contexto de novas experiências em ambientes acadêmicos onde as habilidades de seguir instruções, partilhar, esperar, e lidar com tarefas indesejadas são postas à

prova, exigindo muito da capacidade das crianças de manejar suas emoções (Denham, 2006). Em tenra idade, durante os estágios pré-escolares, as crianças começam a perceber as emoções como experiências subjetivas, evoluindo de um entendimento centrado em desejos e intenções para um mais sofisticado, baseado em crenças e expectativas. Elas passam a reagir de maneira cada vez mais atenta e apropriada. Nesta fase, o conhecimento que têm sobre emoções se desloca de uma leitura que privilegia aspectos visíveis e concretos para uma que contempla a dimensão mental e introspectiva (Machado et al., 2012).

A aquisição da linguagem é frequentemente destacada como um recurso adicional que facilita a regulação emocional na infância. Essa habilidade oferece às crianças meios para articular situações e emoções que exigem regulação, além de proporcionar um canal para discussões sobre estratégias de autorregulação e co-regulação com os outros (Herndon et al., 2013).

Cole e colaboradores (1994) ressaltam que a habilidade de discutir questões emocionais mantendo uma expressão emocional modulada promove não apenas a comunicação efetiva, mas também amplia as possibilidades para a regulação social da experiência afetiva. Cohen e Méndez (2009) identificaram uma correlação positiva entre habilidades linguísticas e regulação emocional em crianças. Observaram que aquelas com competências linguísticas avançadas tendem a expressar suas emoções de maneira mais eficaz, facilitando a regulação emocional. Por outro lado, crianças com dificuldades linguísticas muitas vezes encontram barreiras para comunicar seus sentimentos, o que pode prejudicar sua habilidade de regular emoções. Além disso, uma boa capacidade de falar e entender contribui significativamente para a compreensão e interpretação das emoções dos outros, aspectos essenciais para o desenvolvimento de interações sociais empáticas e saudáveis.

A primeira infância, também, é uma época de exploração e descoberta desenfreada; com uma curiosidade insaciável, as crianças exploram seu ambiente, experimentam novidades, e conseqüentemente, desenvolvem suas habilidades motoras e cognitivas. Ao mesmo tempo, é uma fase em que a independência e autonomia brotam, com as crianças aprendendo a completar tarefas simples sozinhas e a fazer escolhas dentro de limites saudáveis. Essa autonomia emergente é crucial para a preparação para a escola, um período de transição significativo que antecede a entrada no ensino formal (Herndon et al., 2013).

Adicionalmente, há uma crescente valorização das explicações causais relacionadas a interações sociais e conquistas pessoais, assim como uma mudança do foco em temas fantasiosos para uma abordagem mais realista, particularmente no que tange ao medo. Esse amadurecimento revela uma evolução nas categorias mentais associadas às emoções conforme as crianças crescem (Machado et al., 2012).

Os pais atuam como os primeiros e mais influentes agentes de socialização na vida das crianças, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento emocional delas (Cohen & Mendez, 2009). A habilidade de regular o tom emocional nas interações sociais é considerado um componente importante da competência social infantil e do sucesso (Fabes et al., 2001) nas relações entre pares (Herndon et al., 2013). A socialização emocional de apoio dos pais (Denham, 2006) promove a capacidade das crianças de compreenderem as suas próprias emoções e as dos outros (Cole et al., 1994), e de regularem suas emoções de forma eficaz (Cohen & Mendez, 2009). Isso pode incluir estratégias como explicar, rotular e discutir emoções, além de incentivar a expressividade emocional (Hastings, Miller, & Troxel, 2015 cit. por Yaremych & Volling, 2018). Essas práticas promovem as habilidades das crianças para identificar e compreender estados internos de outras pessoas nos relacionamentos e, subsequentemente, implementar uma resposta comportamental apropriada (Brownell et al., 2013 cit. por Yaremych & Volling, 2018).

A escala "*Sensitive and Challenging Interactive Play (SCIP)*", introduzida por Grossmann e Kassubek (1999) e Grossmann et al. (2002), ressalta a importância de atividades lúdicas que proporcionam um equilíbrio entre desafio e suporte, estimulando a exploração e o desenvolvimento de habilidades nas crianças, conforme discutido por Flanders e colaboradores (2010). Pais, influenciados por arquétipos sociais e culturais que os encorajam a engajar em brincadeiras mais estimulantes, frequentemente atingem pontuações elevadas na escala SCIP, pois propõem brincadeiras que desafiam os filhos a adotar comportamentos mais maduros, através de incentivos e sugestões que são bem recebidas pelas crianças. Essa dinâmica foi identificada como um preditor significativo do status de apego infantil em um estudo longitudinal alemão, indicando que tais interações promovem uma maior tolerância à incerteza e uma menor tendência à retração diante de frustrações nas crianças (Fletcher et al., 2013; Grossmann et al., 2002;).

Parke e colaboradores (1999) e Paquette (2004) sugerem que o desafio oferecido pelos pais durante o RTP é uma forma de estimulação que promove o desenvolvimento socioemocional e cognitivo positivo (Flanders et al., 2009). A pesquisa sobre a frequência e a qualidade de outras formas de brincadeiras físicas, como balançar a criança e brincar de cavalo, mostra que essas atividades também estão associadas a comportamentos problemáticos quando medidas por relatórios padrões dos pais (Fletcher et al., 2013). O desenvolvimento da autorregulação é fundamental para prevenir a agressão física crônica e que brincadeiras físicas entre pais e filhos desempenham um papel importante na socialização e na regulação emocional das crianças, especialmente nas interações pai-filho (Flanders et al., 2009).

Na revisão sistemática feita por Islamiah e colegas (2023) houve o levantamento dos vários fatores que os pais podem modelar, para contribuir no desenvolvimento da regulação emocional das crianças. Esses fatores incluem: (1) a expressão emocional dos pais, (2) a capacidade dos pais de responder às emoções das crianças, (3) a reação dos pais à expressão de emoção das crianças, (4) a qualidade da relação pai-filho, (5) a disciplina dos pais, (6) a comunicação dos pais, (7) a educação emocional dos pais, (8) a exposição dos pais a situações estressantes, (9) o estilo de apego dos pais, (10) a filosofia de meta-emoção dos pais, (11) o nível de estresse dos pais, (12) o apoio social dos pais, (13) a saúde mental dos pais, (14) a idade dos pais, (15) o gênero dos pais e (16) o status socioeconômico dos pais.

As práticas parentais relacionadas à emoção são especialmente significativas para a regulação emocional das crianças em idade escolar. Tais práticas englobam a forma como os pais expressam suas próprias emoções, respondem às emoções dos filhos e reagem às expressões emocionais deles (Islamiah et al., 2023), e perceber como o comportamento parental nomeadamente de desafio pode contribuir para a regulação emocional de crianças em idade pré-escolar (Flanders et al., 2009; Majdandžić et al., 2013; Majdandžić et al., 2015).

Uma outra revisão sistemática abrangente de 24 estudos longitudinais, que incluiu um total de 22.300 crianças forneceu insights valiosos sobre o impacto do envolvimento paterno. Os resultados indicaram que a maioria dos estudos incluídos na revisão relatou um efeito benéfico do envolvimento do pai no ajustamento psicossocial das crianças. Este corpo de evidências sublinha a importância do envolvimento ativo e positivo dos pais, incluindo a figura paterna, para o desenvolvimento e bem-estar das crianças. Além disso, esses achados ressaltam o papel significativo das relações familiares, particularmente aquelas com o pai, na configuração de vários aspetos da vida infantil, desde interações sociais com os pares até o crescimento emocional e cognitivo (Leidy et al., 2011).

Objetivo do estudo:

O presente estudo visa analisar o envolvimento do pai, em relação à mãe, considerando diferentes tipos de atividades, que implicam interação direta com a criança, tais como, os cuidados diretos, o ensino/disciplina e a brincadeira. Procura-se explorar se um maior envolvimento do pai, nestas diferentes atividades, se encontra associado a uma melhor regulação emocional das crianças, e qual o papel dos comportamentos parentais de desafio nesta relação. Visa, ainda, analisar as associações entre as variáveis em estudo e as variáveis sociodemográficas da criança, dos pais e família.

CAPÍTULO 2

Método

2.1. Participantes

Participaram 74 famílias nucleares portuguesas (50% casados e os restantes em união de facto). As mães tinham idades entre 27 e 48 anos ($M = 37.07$, $DP = 4.98$) e os pais entre os 27 e os 49 anos ($M = 38.51$, $DP = 5.26$). As habilitações literárias das mães variavam entre os 9 e os 21 anos de escolaridade ($M = 15.43$, $DP = 2.69$), tal como as habilitações literárias dos pais ($M = 14.69$, $DP = 2.94$). Setenta e uma mães trabalhavam a tempo inteiro e apenas três, em meio período ($M = 37.91$; $DP = 6.56$). Todos os pais trabalhavam a tempo inteiro, com exceção de um que trabalhava a meio período ($M = 39.83$; $DP = 4.78$). As crianças tinham idades compreendidas entre os 40 e 70 meses ($M = 40.27$, $DP = 69.97$), sendo 50% do sexo feminino. Nenhuma estava identificada como tendo necessidades educativas especiais. 86.4% das crianças frequentavam o ensino pré-escolar no distrito de Lisboa e as restantes no distrito Beja. Participaram, ainda, no estudo 15 educadoras das salas frequentadas pelas crianças, todas elas com licenciatura em educação de infância, estando com o seu grupo de crianças há pelo menos 6 meses.

2.2. Instrumentos

2.2.1. Ficha de dados demográficos

Esta ficha possibilita a coleta de informações sociodemográficas da família, incluindo, por exemplo, o sexo e a idade das crianças, as idades e os níveis de escolaridade dos pais, estado civil, trabalho, ou o rendimento familiar.

2.2.2. Escala de Envolvimento Parental

A Escala de Envolvimento Parental: Participação em atividades de cuidados e de socialização (Monteiro et al., 2008), analisa a perceção que pai/mãe tem acerca da sua participação relativamente à outra figura parental, que ocorrem no dia-a-dia das famílias. Os 26 itens estão organizados em cinco dimensões. No presente estudo apenas serão utilizados os Cuidados diretos (5 itens), relacionados com tarefas de cuidados à criança, que implicam interação direta com a mesma; o Ensino/disciplina (5 itens) que remete para o ensino de competências e o

estabelecimento e cumprimento de regras; e a Brincadeira (5 itens) relacionados com diversas atividades de brincadeira mais tranquila/mediada por objetos; e outras mais físicas. Solicita-se ao pai e/ou mãe que avalie cada item numa escala de tipo *likert* de 5 pontos, variando entre "Sempre a mãe" (1), "Ambos os pais" (3) e "Sempre o pai" (5), considerando somente a criança-alvo. Os valores mais elevados representam uma maior participação do pai, relativamente à mãe. Os alfas obtidos no presente estudo foram: Cuidados diretos = .80; Ensino/Disciplina = .80; Brincadeira = .75.

2.2.3. Escala de Comportamento Parental de Desafio

O *Challenging Parenting Behavior Questionnaire (CPBQ4-6)* (Majdandžić et al., 2010, 2018), traduzida para amostras portuguesas por Monteiro e Santos (nd). Este questionário avalia até que ponto os pais incentivam a criança socioemocional e fisicamente, a apresentar um comportamento de risco ou um comportamento que faz com que a criança saia da sua zona de conforto. Os 39 itens estão organizados em seis subescalas: *Teasing* (6 itens), *Rough-and-tumble play* (6 itens), *Encouragement of risk taking*, (6 itens), *Social daring* (6 itens), *Competition*, (6 itens) e *Parental modeling* (6 itens). É, ainda, possível o cálculo de um valor global de comportamentos parentais de desafio. Os pais foram solicitados a avaliar as afirmações sobre interações com seus filhos numa escala de tipo *likert* de 5 pontos: de 1 (não aplicável) a 5 (completamente aplicável). Os alfas para as dimensões foram: *Teasing* = .69; *Rough-and-tumble play* = .63; *Encouragement of risk taking* = .75; *Social daring* = .74; *Competition* = .80; *Parental modeling* = .80; Comportamento parental de desafio global = .87.

2.2.4. Questionário de Regulação Emocional

A *Emotion Regulation Checklist (ERC)* (Shields & Cicchetti, 2007) foi traduzida e adaptada para amostras portuguesas por Alves e Cruz (2011). Esta avalia a regulação emocional em crianças, fornecendo uma visão compreensiva sobre como elas regulam e expressam suas emoções. Os 24 itens estão organizados em duas dimensões: a dimensão de Regulação Emocional (10 itens) que se foca na habilidade da criança em manifestar emoções de maneira socialmente apropriada. Itens nesta dimensão avaliam até que ponto a criança pode verbalizar suas emoções negativas, como tristeza, raiva, ou medo, de maneira construtiva e adequada ao contexto social. A dimensão de Labilidade/Negatividade (14 itens) remete para a tendência da criança para reações emocionais intensas e mudanças bruscas de humor, incluindo facilidade em ter explosões de raiva ou birras.

Os cuidadores respondem numa escala de tipo *likert* de 4 pontos, variando de (1) Nunca a (4) Quase sempre. Os alfas para as dimensões foram: Labilidade = .89; Regulação emocional = .70.

2.3. Procedimento

O estudo atual é parte integrante de um projeto de pesquisa mais extenso realizado no Iscte-iul, aprovado pela comissão de Ética da Universidade. O processo iniciou-se com o estabelecimento de contato com as instituições de educação infantil. Com a obtenção do consentimento informado dos diretores das instituições procedeu-se ao envio dos consentimentos informados para os pais. Para os pais que autorizaram a participação foram enviados os questionários: envolvimento parental e comportamentos parentais de desafio, tendo sido pedido que respondessem aos mesmos pensando apenas na criança-alvo (criança para a qual assinaram o consentimento), e os devolvessem em envelope fechado. Para todas as crianças cujos pais devolveram os questionários foi pedido às educadoras que preenchessem o questionário sobre a regulação emocional.

2.4. Plano de Análises

As análises estatísticas foram realizadas recorrendo ao *SPSS Statistics* (v. 21, IBM SPSS, Chicago, IL). Começou-se por analisar as medidas descritivas para o Envolvimento Paterno, o Comportamento Parental de Desafio e a Regulação Emocional. De seguida, as médias do envolvimento do pai nas diferentes dimensões foram comparadas com o valor teórico de “*Envolvimento partilhado igualmente*” (valor 3), utilizando o test *t-student* (*one-sample*).

As associações entre as variáveis de envolvimento paterno, comportamentos parentais de desafio e regulação emocional da criança, assim como as variáveis sociodemográficas foram testadas através de correlações de *Pearson* (para a variável sexo da criança utilizou-se a correlação ponto-bisserial - *rpb*)

CAPÍTULO 3

Resultados

As medidas descritivas do Envolvimento Paterno, do Comportamento Parental de Desafio e Regulação emocional são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1

Medias, desvios padrões, máximos e mínimos, para Envolvimento parental, Comportamento Parental de Desafio e Regulação Emocional

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>min</i>	<i>max</i>
Envolvimento Parental				
Cuidados Diretos	2.60	0.49	1.30	3.70
Ensino/Disciplina	2.89	0.34	2.00	3.70
Brincadeira	3.09	0.35	2.30	3.90
Comportamento Parental de Desafio				
Teasing	3.11	0.74	1.17	4.50
Rough-and-tumble play	3.54	0.63	1.83	4.83
Encouragement of risk taking	3.89	0.66	2.50	5.00
Social daring	3.23	0.62	1.56	4.78
Competition	2.80	0.84	1.00	4.60
Parental modeling	2.51	0.73	1.14	4.43
CPBQ total	3.18	0.54	1.97	4.44
Regulação emocional				
Labilidade	1.53	0.45	1.00	3.07
Regulação emocional	3.01	0.45	1.89	3.78

Os valores médios da percepção do pai sobre o seu envolvimento, relativamente à mãe, nas diferentes atividades, foram comparados com o valor teórico do “Envolvimento partilhado” (valor 3), utilizando o test *t*-student (*one-sample*). Verificou-se que o envolvimento do pai, relativamente à mãe, difere significativamente do valor 3 (tanto a mãe como o pai) nos três tipos de atividades, sendo inferior nos Cuidados diretos [$t(73) = -7.14$; $p < .001$], Ensino/disciplina [$t(73) = -3.53$; $p < .001$], mas superior na Brincadeira [$t(73) = 2.23$; $p = .014$]. Nesta amostra, os pais participam menos nas tarefas de Cuidado diretos e Ensino/disciplina, porém tendem a se envolver mais que as mães nas atividades de brincadeira.

A Tabela 2 apresenta as associações bi-variadas entre as variáveis sociodemográficas da criança, dos pais, e as variáveis em estudo: Envolvimento do pai, o Comportamento parental de desafio e a Regulação emocional da criança.

Tabela 2

Correlações entre as Variáveis Sociodemográficas, Envolvimento Parental, Comportamento Parental de Desafio e Regulação Emocional (N = 74)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
Sóciodemográficos													
1.Sexo Criança	--												
2.Idade Criança	-.044	--											
3.Idade Mãe	.238*	.307**	--										
4.Idade Pai	.228	.326**	.828**	--									
5.Hab. Lit. Mãe	.385**	-.019	.295*	.209	--								
6.Hab. Lit. Pai	.384**	.006	.268*	.184	.617**	--							
7.Horas de trab./Mãe	.052	.059	-.077	.051	-.131	-.065	--						
8.Horas de trab./Pai	.013	.076	.149	.101	.032	.000	.025	--					
Envolvimento Parental													
9.Cuidados Diretos	.038	-.029	-.222	-.207	.040	.020	.204	-.263*	--				
10.Ensino/Disciplina	-.029	.016	-.012	-.001	.029	.087	.135	-.175	.266*	--			
11.Brincadeira	-.167	.152	.098	.129	.036	.094	.029	.041	.209	.292*	--		
Comportamento Parental de desafio													
12.CPBQ total	-.011	.120	-.037	-.132	-.103	.046	.019	.144	.095	.212	-.001	--	
Regulação emocional													
13.Labilidade	-.056	-.225	-.200	-.137	-.095	-.050	.411**	.125	.191	.045	-.081	.112	--
14.Regulação emocional	.229*	.135	.079	.033	.309**	.247*	-.271*	-.177	-.157	-.284*	-.137	-.032	-.569**

Nota. * $p < .05$ ** $p < .01$

Relativamente à percepção do pai sobre o seu Envolvimento relativo à mãe, obteve-se uma correlação positiva e significativa entre Cuidados Diretos e Ensino/Disciplina, indicando que pais que se envolvem nos cuidados diretos, também, participam mais em atividades de ensino e disciplina. O Ensino/Disciplina está, ainda, positiva e significativamente correlacionado com a Brincadeira, sugerindo que pais mais envolvidos em atividades de ensino/disciplina, também, tendem a participar mais em atividades lúdicas com seus filhos. Os Cuidados Diretos estão negativa e significativamente correlacionados com as horas de trabalho do Pai, ou seja, pais que trabalham mais horas, percebem-se como estando menos envolvidos nos Cuidados diretos.

A percepção do Comportamento parental de desafio, por parte do pai, não se encontra correlacionada com nenhuma variável sociodemográfica, o Envolvimento do pai, ou a Regulação emocional da criança.

Relativamente à Regulação emocional das crianças, descrita pelas suas educadoras, a subescala da Labilidade está positiva e significativamente correlacionada com as horas de trabalho da Mãe, indicando que quanto mais horas a mãe trabalha, maior a labilidade emocional da criança. A subescala da Regulação emocional está positiva e significativamente associada com o sexo, ou seja, nesta amostra, os meninos apresentam valores mais elevados de regulação emocional. A Regulação emocional está, ainda, positiva e significativamente associada com as habilitações literárias da mãe e do pai, ou seja, quanto maior o grau de estudos (nº de anos) das figuras parentais, melhor a regulação da criança; mas negativa e significativamente associada com as horas de trabalho da mãe, assim, mães que passavam mais tempo no trabalho, tinham crianças que apresentavam menor regulação emocional. Encontrou-se, ainda, uma associação negativa e significativa entre o envolvimento do pai na dimensão do Ensino/disciplina e a Regulação emocional, ou seja, pais mais envolvidos neste tipo de atividade, tinham crianças, descritas pelas educadoras, como tendo menor regulação emocional.

CAPÍTULO 4

Discussão

Investigar o papel do pai no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças (e.g., Cabrera et al., 2018; Reis, 2019; Diniz et al., 2021) é essencial para desconstruir as visões patriarcais e sexistas que permeiam a masculinidade e a paternidade (Aboim, 2010; Wall et al., 2016). A transformação desse entendimento para uma parentalidade moderna, que envolve uma presença diária e significativa, contribui não apenas para a equiparação entre paternidade e maternidade, mas também para um impacto positivo no desenvolvimento socioemocional das crianças (e.g., Lamb & Lewis, 2010).

Este estudo buscou aprofundar essa discussão ao analisar o envolvimento paterno, os comportamentos parentais de desafio e a regulação emocional em crianças de em idade pré-escolar. A literatura sublinha que as atividades lúdicas e de lazer exercem um papel crucial no desenvolvimento infantil, proporcionando momentos em que os pais se tornam mais presentes nas interações com seus filhos (Lafreniere, 1996, citado por Amaral et al., 2019).

Nesta amostra, assim como relatado em outros estudos (e.g., Amaral et al., 2019; Monteiro et al., 2010), verificou-se que os pais participam menos nas tarefas de cuidado direto e ensino/disciplina, mas tendem a se envolver mais nas atividades lúdicas. Apesar das mudanças socioculturais, a brincadeira ainda é amplamente associada ao papel paterno. Esse comportamento é visto pelos pais como uma oportunidade única para fortalecer os laços afetivos com os filhos em um ambiente mais descontraído, sem as responsabilidades inerentes às tarefas de cuidado direto ou disciplina (Amaral et al., 2019; Diniz et al., 2021; Monteiro et al., 2010).

Além disso, a colaboração entre os pais é vital para equilibrar os múltiplos papéis que os cuidadores assumem e para mitigar o estresse que pode surgir dessa sobrecarga. Evidências sugerem que o envolvimento do pai, e a qualidade dos seus comportamentos têm um impacto direto no desenvolvimento emocional das crianças (e.g., Cabrera et al., 2000; Cabrera et al., 2018; Lamb, 2010). Neste estudo, verificou-se que o envolvimento paterno nas atividades de ensino/disciplina estava negativamente associado à regulação emocional, sugerindo que crianças cujos pais se envolvem mais nessas atividades podem enfrentar maiores dificuldades emocionais. Contudo, essa associação não pode ser tomada como causal, uma vez que o envolvimento paterno pode ser uma resposta a desafios emocionais já existentes (Fabes et al., 2001).

Em relação ao comportamento parental de desafio, não foram encontradas associações significativas com as variáveis estudadas, nomeadamente, com a regulação emocional das crianças. A literatura recente, entretanto, sugere que esse tipo de comportamento está relacionado

ao desenvolvimento de resiliência e independência nas crianças, promovendo sua capacidade de enfrentar situações desafiadoras (Majdandžić et al., 2017). Embora os resultados nesta amostra não sejam significativos, é crucial continuar explorando estes comportamentos, uma vez que suas implicações podem variar conforme o contexto familiar e as características temperamentais (e.g., com crianças mais ansiosas ou inibidas reagindo de forma distinta em comparação com aquelas que apresentam maior resiliência emocional das crianças (Majdandžić et al., 2013; Majdandžić et al., 2015).

Quanto às variáveis sociodemográficas, foi constatado que as horas de trabalho dos pais estavam negativamente associadas ao envolvimento nos cuidados diretos das crianças. Esse achado está em conformidade com estudos anteriores que indicam que uma maior carga de trabalho pode limitar o tempo disponível para participação em rotinas familiares, como banhos e refeições (Kopp et al., 2023; Monteiro et al., 2018). A gestão de múltiplos papéis, associada ao estresse dos cuidadores, pode impactar negativamente o desenvolvimento emocional das crianças, destacando a importância de uma divisão equilibrada de responsabilidades familiares para promover um ambiente familiar saudável (Monteiro et al., 2017). O envolvimento ativo do pai, nesse contexto, poderá ser um fator importante para a criação de um ambiente familiar estável (Lamb & Lewis, 2010).

No que diz respeito à regulação emocional, conforme relatado pelas educadoras das crianças, observou-se que a labilidade emocional, caracterizada por impulsividade e instabilidade emocional, está negativamente associada à regulação emocional, que implica maior capacidade de controle emocional. Crianças com maior labilidade são mais propensas a explosões de raiva, baixa tolerância à frustração e variabilidade emocional, com rápidas transições de emoções positivas para negativas (Reis et al., 2016) o que se reflete nas suas interações sociais com os pares (Fabes et al., 2001).

As educadoras descreveram os meninos como apresentando maior capacidade de regulação emocional. No entanto, a literatura sobre diferenças de gênero na regulação emocional é inconsistente (Denham, 2006). Alguns estudos sugerem que essas diferenças são mínimas, enquanto outros apontam que fatores como cultura e práticas educacionais podem influenciar essas percepções (Fabes et al., 2001). Estudos indicam que, em alguns contextos, meninos podem demonstrar mais dificuldades com a regulação emocional em situações de estresse, enquanto as meninas tendem a ter uma socialização emocional mais orientada para expressar sentimentos de forma adaptativa (Lamb, 2004; Zahn-Waxler et al., 2008).

As habilitações literárias dos cuidadores, também, estavam positivamente associadas à maior regulação emocional nas crianças. Estudos apontam para que pais mais escolarizados tendem a

adotar visões mais igualitárias sobre os papéis de gênero, criando um ambiente familiar que facilita o desenvolvimento emocional das crianças (Lamb & Lewis, 2010). Esses achados reforçam a importância da educação dos cuidadores na promoção de competências emocionais nas crianças e no desenvolvimento de um ambiente familiar mais inclusivo e saudável.

Apesar dos resultados interessantes, é importante refletir sobre as limitações do presente estudo e como as ultrapassar em trabalhos futuros. Primeiramente, a amostra tem um N muito reduzido sendo composta, maioritariamente, por famílias nucleares, em que os pais viviam com as crianças em tempo integral, não refletindo a diversidade das diferentes estruturas famílias, ou estatutos socioeconômicos. Além disso, o estudo adotou um desenho transversal, que, embora adequado para identificar associações entre variáveis, não permite estabelecer relações causais ou examinar mudanças ao longo do tempo.

A questão do tipo de metodologia utilizada, também, se pode aplicar à regulação emocional descrita pelas educadoras e que, apesar de validado, podem não capturar todas as nuances e variações desse constructo complexo. Métodos observacionais adicionais poderiam complementar as medidas utilizadas, proporcionando uma avaliação mais abrangente e precisa dos comportamentos emocionais das crianças.

4. 1. Estudos Futuros

O presente estudo, visou preencher uma lacuna na literatura sobre o desenvolvimento infantil, destacando-se a importância do envolvimento dos pais nas atividades do dia a dia na vida das crianças, e do tipo de comportamentos parentais de desafio, no sentido de compreender as suas relações com a regulação emocional das crianças. Ao integrar os resultados de investigações com a reavaliação das políticas educacionais e práticas escolares, podemos avançar para um modelo de educação mais holístico, que prepare as crianças tanto para os desafios acadêmicos quanto para os da vida real. Denham (2006), Cohen e Mendez (2009) e Fabes e colaboradores (2001) enfatizam a importância de incluir a regulação emocional e a competência social no currículo escolar. Majdandžić e colaboradores (2013) destacam que políticas educacionais voltadas para o desenvolvimento emocional capacitam as crianças a enfrentar desafios emocionais e sociais, além dos acadêmicos.

Neste sentido, pesquisas que envolvem tanto a família quanto a escola para entender as questões de regulação emocional são essenciais para criar um arcabouço de ações futuras no desenvolvimento infantil. Denham (2006) destaca que a colaboração entre pais e educadores é crucial para identificar práticas eficazes que complementem o ensino tradicional e atendam às

necessidades emocionais e sociais das crianças. Estudos como o de Cohen e Mendez (2009) mostram que a união de esforços entre educadores e famílias pode ajudar a criar um ambiente educacional que nutra não apenas a mente, mas também o coração e o espírito dos estudantes, fornecendo-lhes as ferramentas necessárias para navegar com sucesso em um mundo em rápida mudança. Além disso, Fabes e colaboradores (2001) sugerem que integrar práticas de regulação emocional no contexto escolar e familiar oferece um caminho promissor para o desenvolvimento de programas educacionais que verdadeiramente atendam às necessidades holísticas das crianças.

Referências Bibliográficas

- Aboim, S. (2010). Género, Família e Mudança em Portugal. In K. Wall, S. Aboim, & V. Cunha (Eds.), *A Vida Familiar no Masculino: Negociando velhas e novas masculinidades* (pp. 39-66). Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Alves, D., & Cruz, O. (2011). Reacções parentais às emoções negativas dos filhos (RPEN): Um questionário de avaliação da meta-emoção parental. In *Actas do VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/Evaluación Psicológica. XV Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Lisboa, 25-27 Julho 2011*(pp. 1480-1492). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicologia.
- Amaral, R., Monteiro, L., & Santos, C. (2019). Perfis de envolvimento relativo do pai e ajustamento social de crianças em jardim-de-infância. *Análise Psicológica*, 37(4), 463–477. <https://doi.org/10.14417/ap.1553>
- Blomqvist, C., Mello, I., & Amundin, M. (2005). An Acoustic Play-Fight Signal in Bottlenose Dolphins (*Tursiops truncatus*) in Human Care. *Aquatic Mammals*, 31(2), 187–194. <https://doi.org/10.1578/am.31.2.2005.187>
- Bögels, S., & Phares, V. (2008). Fathers' role in the etiology, prevention and treatment of child anxiety: A review and new model. *Clinical Psychology Review*, 28(4), 539–558. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2007.07.011>
- Bornstein, M. H. (2002). Parenting infants. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Cabrera, N., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the Twenty-First Century. Child Development*, 71(1), 127–136. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00126>
- Cabrera, N., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the Twenty-First Century. *Child Development*, 71(1), 127–136. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00126>
- Cabrera, N. J., Shannon, J. D., & Tamis-LeMonda, C. S. (2007). Fathers' influence on their children's cognitive and emotional development: From toddlers to pre-K. *Applied Developmental Science*, 11(4), 208-213. <https://doi.org/10.1080/10888690701762100>
- Cabrera, N. J., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Roggman, L. (2014). The ecology of father-child relationships: An expanded model. *Journal of Family Theory & Review*, 6(4), 336-354. <https://doi.org/10.1111/jftr.12054>

- Cabrera, N. J., Volling, B. L., & Barr, R. (2018). Fathers Are Parents, too! Widening the lens on parenting for children's development. *Child Development Perspectives*, 12(3), 152–157. <https://doi.org/10.1111/cdep.12275>
- Cohen, J. S., & Mendez, J. L. (2009). Emotion regulation, language ability, and the stability of preschool children's peer play behavior. *Early Education and Development*, 20(6), 1016–1037. <https://doi.org/10.1080/10409280903305716>
- Cole, P. M., Michel, M. K., & Teti, L. O. (1994). The development of emotion regulation and dysregulation: A clinical perspective. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 59(2/3), 73. <https://doi.org/10.2307/1166139>
- Denham, S. A. (2006). Social-Emotional Competence as Support for School Readiness: What Is It and How Do We Assess It? *Early Education and Development*, 17(1), 57–89. https://doi.org/10.1207/s15566935eed1701_4
- Diniz, E., Brandão, T., Monteiro, L., & Veríssimo, M. (2021). Father involvement during early childhood: A Systematic Review of the Literature. *Journal of Family Theory & Review*, 13(1), 77–99. <https://doi.org/10.1111/jftr.12410>
- Fabes, R. A., Leonard, S. A., Kupanoff, K., & Martin, C. L. (2001). Parental coping with children's negative emotions: Relations with children's emotional and social responding. *Child Development*, 72(3), 907–920. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00323>
- Fagan, J., Day, R., Lamb, M. E., & N. J. (2014). Should researchers conceptualize differently the dimensions of parenting for fathers and mothers?. *Journal of Family Theory & Review*, 6(4), 390-405. <https://doi.org/10.1111/jftr.12044>
- Flanders, J. L., Simard, M., Paquette, D., Parent, S., Vitaro, F., Pihl, R. O., & Séguin, J. R. (2009). Rough-and-Tumble play and the development of physical aggression and emotion regulation: A five-year follow-up study. *Journal of Family Violence*, 25(4), 357–367. <https://doi.org/10.1007/s10896-009-9297-5>
- Fletcher, R., StGeorge, J., & Freeman, E. (2013). Rough and tumble play quality: Theoretical foundations for a new measure of father–child interaction. *Early Child Development and Care*, 183(6), 746–759. <https://doi.org/10.1080/03004430.2012.723439>
- Gross, J. J. (2013). *Handbook of Emotion Regulation, Second Edition*. Guilford Publications.
- Grossmann, K., Grossmann, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: fathers' sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development*, 11(3), 301-3317. <http://dx.doi.org/10.1111/1467-9507.00202>

- Herndon, K. J., Bailey, C. S., Shewark, E. A., Denham, S. A., & Bassett, H. H. (2013). Preschoolers' emotion expression and regulation: Relations with school adjustment. *The Journal of Genetic Psychology*, 174(6), 642–663. <https://doi.org/10.1080/00221325.2012.759525>
- Islamiah, N., Breinholst, S., Walczak, M. A., & Esbjørn, B. H. (2023). The role of fathers in children's emotion regulation development: A systematic review. *Infant and Child Development*. <https://doi.org/10.1002/icd.2397>
- Kopp, M., Lindauer, M., & Garthus-Niegel, S. (2023). Association between maternal employment and the child's mental health: A systematic review with meta-analysis. *European Child & Adolescent Psychiatry*. <https://doi.org/10.1007/s00787-023-02164-1>
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J. Altmann, A. S. Rossi, & L. R. Sherrod (Eds.), *Parenting across the life span: Biosocial dimensions* (pp. 111–142). Aldine Publishing Co.
- Lamb, M. E. (2000). The history of research on father involvement: An overview. *Marriage & Family Review*, 29(2-3), 23–42. https://doi.org/10.1300/J002v29n02_03
- Lamb, M. E. (Ed.). (2004). *The role of the father in child development*. Hoboken, NJ, US: John Wiley & Sons.
- Lamb, M. E., & Lewis, C. (2010). The development and significance of father-child relationships in two-parent families. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 94–153). John Wiley & Sons, Inc.
- Lazarus, R. S., Dodd, H. F., Majdandžić, M., de Vente, W., Morris, T., Byrow, Y., Bögels, S. M., & Hudson, J. L. (2016). The relationship between challenging parenting behaviour and childhood anxiety disorders. *Journal of Affective Disorders*, 190, 784–791. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2015.11.032>
- Leidy, M. S., Schofield, T. J., Miller, M. A., Parke, R. D., Coltrane, S., Braver, S., Cookston, J., Fabricius, W., Saenz, D., & Adams, M. (2011). Fathering and adolescent adjustment: Variations by family structure and ethnic background. *Fathering: A Journal of Theory, Research, and Practice About Men as Fathers*, 9(1), 44–68. <https://doi.org/10.3149/fth.0901.44>
- Majdandžić, M., De Vente, W., & Bögels, S. M. (2010). Challenging parenting behavior questionnaire: 4-6 Year Version (CPBQ4-6). *Research institute of child development and education*. Amsterdam, the Netherlands: University of Amsterdam.

- Majdandžić, M., Möller, E. L., de Vente, W., Bögels, S. M., & van den Boom, D. C. (2013). Fathers' challenging parenting behavior prevents social anxiety development in their 4-year-old children: A longitudinal observational study. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 42(2), 301–310. <https://doi.org/10.1007/s10802-013-9774-4>
- Majdandžić, M., de Vente, W., & Bögels, S. M. (2015). Challenging parenting behavior from infancy to toddlerhood: Etiology, measurement, and differences between fathers and mothers. *Infancy*, 21(4), 423–452. <https://doi.org/10.1111/infa.12125>
- Majdandžić, M., Lazarus, R. S., Oort, F. J., van der Sluis, C., Dodd, H. F., Morris, T. M., de Vente, W., Byrow, Y., Hudson, J. L., & Bögels, S. M. (2017). The structure of challenging parenting behavior and associations with anxiety in dutch and australian children. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 47(2), 282–295. <https://doi.org/10.1080/15374416.2017.1381915>
- MalóMachado, Paula, et al. “O Teste de Conhecimento Das Emoções Para Crianças de Idade Pré-escolar.” *Revista Iberoamericana de Diagnostico Y Evaluacion Psicologica*, vol. 34, 1 Nov. 2012, pp. 199–219.
- Marsiglio, W. (2009). *Fatherhood: Contemporary theory, research, and social policy*. SAGE Publications.
- McDowell, D. J., Kim, M., O'neil, R., & Parke, R. D. (2002). Children's emotional regulation and social competence in middle childhood. *Marriage & Family Review*, 34(3-4), 345–364. https://doi.org/10.1300/j002v34n03_07
- Monteiro, L., Veríssimo, M., & Pessoa e Costa, I. (2008). *Escala de Envolvimento Parental: Atividades de cuidados e de socialização* (Unpublished manual). Lisboa, Portugal: ISPA - Instituto Universitário.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2012). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 26(3), 395–409. <https://doi.org/10.14417/ap.502>
- Monteiro, L., Fernandes, M., Torres, C., Santos, C. (2017). Father's involvement and parenting styles in Portuguese families. The role of education and working hours. *Análise Psicológica*, 4 (XXXV): 513-528. <http://dx.doi.org/10.14417/ap.1451>
- Monteiro, L., Torres, N., & Salinas-Quiroz, F. (2019). Preditores do envolvimento paterno numa amostra de famílias portuguesas. O papel das crenças parentais. *Suma Psicológica*, 26(2). <https://doi.org/10.14349/sumapsi.2019.v26.n2.5>

- Palkovitz, R. (2020). Fathering and being fathered: Developmental interdependence. In *Handbook of fathers and child development* (pp. 29–46). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-030-51027-5_3
- Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47(4), 193–219. <https://doi.org/10.1159/000078723>
- Parke, R. D. (1999). *Throwaway dads: The myths and barriers that keep men from being the fathers they want to be*. Houghton Mifflin.
- Pellis, S. M., & Pellis, V. C. (2007). Roughtandtumble play and the development of the social brain. *Current Directions in Psychological Science*, 16(2), 95–98. <https://doi.org/10.1111/J.14678721.2007.00483.X>
- Pleck, J. H. (2010a). Fatherhood and masculinity. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 27–57). John Wiley & Sons, Inc
- Pleck, J. H. (2010b). Paternal involvement: Revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 58–93). John Wiley & Sons, Inc
- Reis, A. H., Oliveira, S. E. S., Bandeira, D. R., Andrade, N. C., Abreu, N., & Sperb, T. M. (2016). Emotion Regulation Checklist (ERC): Estudos preliminares da adaptação e validação para a cultura brasileira. *Temas em Psicologia*, 24(1), 77–96. <https://doi.org/10.9788/tp2016.1-06>
- Reis, M. d. O. F. N. d. (2019). *O envolvimento do pai e o desenvolvimento de competências sociais em crianças do pré-escolar: o papel da concordância dos relatos do casal* [Master's thesis]. Repositório do ISPA. <http://hdl.handle.net/10400.12/7316>
- Riediger, M., & Klipker, K. (2014). Emotion regulation in adolescence. In J. J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 187–202). The Guilford Press.
- Roggman, L. A., Boyce, L. K., Cook, G. A., & Cook, J. (2002). Getting dads involved: Predictors of father involvement in Early Head Start and with their children. *Infant Mental Health Journal*, 23(1-2), 62–78. <https://doi.org/10.1002/imhj.10004>
- Roopnarine, J. L., & Yildirim, E. D. (2019). *Fathering in cultural contexts*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315536170>
- Schoppe-Sullivan, S., McBride, B., & Ho, M.-H. (2004). Unidimensional versus multidimensional perspectives on father involvement. *Fathering: A Journal of Theory, Research, and Practice About Men as Fathers*, 2(2), 147–163. <https://doi.org/10.3149/fth.0202.147>

- Schoppe-Sullivan, S. J., Mangelsdorf, S. C., Frosch, C. A., & McHale, J. L. (2004). Associations between coparenting and marital behavior from infancy to the preschool years. *Journal of Family Psychology, 18*(1), 194–207. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.18.1.194>
- Shields, A., & Cicchetti, D. (1997). Emotion regulation among school-age children: The development and validation of a new criterion Q-sort scale. *Developmental Psychology, 33*(6), 906-916. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.33.6.906>.
- StGeorge, J., & Freeman, E. (2017). measurement of father–child rough-and-tumble play and its relations to child behavior. *Infant Mental Health Journal, 38*(6), 709–725. <https://doi.org/10.1002/imhj.21676>
- Thompson, R. A. (2014). Socialization of emotion and emotion regulation in the family. In J. J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 173–186). The Guilford Press.
- Torres, N., Veríssimo, M., Monteiro, L., Ribeiro, O., & Santos, A. J. (2014). Domains of father involvement, social competence and problem behavior in preschool children. *Journal of Family Studies, 20*(3), 188-203. <http://dx.doi.org/10.1080/13229400.2014.11082006>
- Torres, A., Campos Pinto, P., Costa, D., Coelho, B., Maciel, D., Reigadinha, T., & Theodoro, E. (2018). Igualdade de género ao longo da vida. Portugal no contexto europeu. Lisboa: *Fundação Francisco Manuel dos Santos*.
- Wall, K. & Aboim, S. (2003). Perfis regionais de mudança familiar: Síntese final. *Sociologia, Problemas e Práticas 43*: 97-100
- Wall, K. (2010). Os homens e a política de família. In K. Wall, S. Aboim, & V. Cunha (Eds.), *A vida familiar no masculino – Negociando velhas e novas masculinidades* (pp. 67-94). Lisboa: CITE – Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Wall, K., Aboim, S. & Cunha, V. (2010). Negociando velhas e novas masculinidades. In K. Wall, S. Aboim, & V. Cunha (Eds.), *A vida familiar no masculino – Negociando velhas e novas masculinidades* (pp. 457-473). Lisboa: CITE – Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Wall, K., Cunha, V., Atalaia, S., Rodrigues, L., Correia, R., Correia, S. V., & Rosa, R. (2016). Livro branco: Homens e igualdade de género em Portugal. *Instituto de Ciências Sociais/Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, Universidade de Lisboa*. <http://hdl.handle.net/10451/26649>
- Yaremych, H. E., & Volling, B. L. (2018). Sibling relationships and mothers’ and fathers’ emotion socialization practices: A within-family perspective. *Early Child Development and Care, 190*(2), 195–209. <https://doi.org/10.1080/03004430.2018.1461095>

Zahn-Waxler, C., Shirtcliff, E. A., & Marceau, K. (2008). Disorders of childhood and adolescence: Gender and psychopathology. *Annual Review of Clinical Psychology*, *4*(1), 275–303. <https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091358>